



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

A PROLIFERAÇÃO DAS ZONAS DE SACRIFÍCIO COMO FRUTO DO CAPITAL: acumulação, seletividade espacial e injustiça ambiental

Walter Buenaga Holtz
profwalterholtz@gmail.com

() Apresentação Oral (GT)

(X) Exposição de Banner

GT pretendido: GT2: (Geo)Políticas do Meio Ambiente, Gestão de Recursos e Sustentabilidades

RESUMO

O presente artigo tem como proposta analisar a expansão das zonas de sacrifício como produto do capital, levando em consideração a lógica da acumulação sem precedentes e as formas como o capital apropria-se dos diferentes espaços para o enfrentamento das suas próprias crises.

Nesse contexto, o artigo se desdobrará através de dois raciocínios, o primeiro, refere-se a forma como o capital age sobre os diferentes espaços de maneira racional em relação a lógica da acumulação, e irresponsável no que diz respeito às problemáticas proporcionadas pela sua própria lógica e a supressão de espaços a beira da exaustão. O segundo, diz respeito a forma como essa “loucura” contribui para formação das chamadas zonas de sacrifício, que por sua vez, são considerados espaços onde as indústrias potencialmente poluidoras, impulsionadas pela relação amorosa Estado-capital, emitem os seus passivos *in nature* sem qualquer tipo de responsabilidade, condicionando os espaços e suas populações a morte.

Com isso, conclua-se que a expansão da atuação das zonas de sacrifício, principalmente em espaços periféricos, são uma das consequências da lógica acumulativa do capital, principalmente quando este é condicionado a espaços com omissão da intervenção estatal e dominada pela lógica capitalista de produção liberal. Sendo assim, as populações vulnerabilizadas e os espaços de vivências são destinados ao sacrifício para sustentar o lucro.

Palavras-chave: David Harvey; capital; zonas de sacrifício, seletividade dos espaços

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

vcongeo2026.unir.br

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

INTRODUÇÃO

A forma pujante do capitalismo emerge com o caráter cumulativo a partir do advento da era industrial no século XVIII, impulsionado principalmente com as novas necessidades de consumo que emergem na sociedade, o desenvolvimento tecnológico, e as novas formas de “fazer guerra” através da modernização do aparato militar. Diante disso, o caráter acumulativo instiga a maneira como o capitalismo atua nos espaços para garantir a sua expansão e influência sobre os modos de vida. E os tentáculos do capital, são arquitetados por meio da falsa lógica de consumo de subsistência, imposta por meio de diversos instrumentos, como obsolescência programada, bombardeamento midiático visando o consumo dirigido e desenfreado de produtos banais, que por sua vez, são figurados em necessidades individualizadas das massas populacionais. E com isso, cresce a demanda de captação de recursos naturais para transformá-los em produtos. E tal demanda, possui um combustível infundável pré-fixado e fornecido pelas formas de funcionamento do capital: a lógica do acúmulo de riquezas por meio do lucro.

E é através da lógica da acumulação que os espaços serão transformados e remodelados para sustentar o aparato industrial e suas atividades produtivas, que por sua vez, diluem o seu potencial destrutivo em forma de danos ambientais em proporções catastróficas. Porém, não são todos os espaços condicionados ao destino cruel. Há uma intencionalidade arquitetada através da relação entre Estado e as grandes corporações privadas na seletividade do espaço que será sacrificado para comportar a produção em larga escala. Geralmente, esses espaços possuem uma similaridade nos aspectos sociais – populações vulneráveis, marginalizadas e com baixa concentração de renda, aspectos estruturais – precariedade ou ausência de instalações físicas e saneamento básico adequado, aspectos de segurança pública – atuação de forças paralelas e ausência da presença do Estado.

Em face do exposto, e com o objetivo de analisar como o capital impulsiona a expansão das chamadas zonas de sacrifício, o artigo será trabalhado por meio de duas temáticas, o primeiro, tem como proposta levantar inquietações sobre a forma como o capital age sobre os diferentes espaços de maneira racional e irresponsável. E para isso, será necessário debruçar-se na obra *A loucura da razão econômica*, de Harvey (2018). O segundo, diz respeito a forma como essa “loucura” contribui para formação das chamadas zonas de sacrifício, que são considerados espaços seletivos onde as atividades potencialmente poluidoras exercem influência com a permissão do Estado e influência do capital privado. E para isso, cabe as contribuições de Ascelrad (2010).

Nesse aspecto, o trabalho emerge a partir do contexto atual de crises ambientais em escala global como fruto da lógica hiperprodutiva, fomentada pela ação antrópica em sua forma mais perversa. Diante disso, torna-se urgente entender como essa lógica age em diferentes escalas, e o seu potencial destrutivo perante os meios de vida que nela estão inseridos, que condicionam as partes mais vulnerabilizadas a exaustão em aspectos socioambientais e socioeconômicos. Além disso, o

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

entendimento do desdobramento da “loucura” destrutiva, permite criar importantes reflexões sobre como lidar com a problemática de acordo com a especificidade do espaço.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada para o desenvolvimento do trabalho foi sustentada através da análise do arcabouço teórico no que diz a forma como o capital age sobre os diferentes espaços para alavancar a produtividade e consumismo, e para isso, cabe as contribuições de Harvey (2018). E coadunando com essa temática, e como proposta de elencar as consequências desse modelo produtivo, foi considerado as propostas de Ascelrad (2004) sobre como que ocorre seletividade dos espaços através das zonas de sacrifício.

ANÁLISE DE RESULTADOS

O capitalismo emerge na sociedade contemporânea como o sistema mais eficiente de todos. Nunca no desdobramento do contexto histórico da humanidade, as sociedades foram tão produtivas quanto agora, e isso, só foi possível principalmente com o advento da era industrial fomentada pela lógica do capital. Porém, tal eficiência e “progresso”, vem acompanhada de diversas contrariedades que colocam a prova as relações sociais em diferentes escalas, a forma endeusada do capital como algo primário ao humano e a supressão de espaços para transformá-los em produtos consumíveis e comerciáveis. Para essas inquietações, cabe a análise das críticas estabelecidas por Harvey (2018), em *A loucura da razão econômica* para entender como o capital apropria-se e transfigura-se as existencialidades presentes na sociedade.

Segundo Harvey (2018), o capitalismo deve ser entendido não como um sistema estável e equilibrado, mas como um processo incessante de circulação e valorização do capital. Seu objetivo não é satisfazer necessidades humanas, mas expandir-se indefinidamente. Essa expansão, por sua vez, ocorre por meio da produção de mais-valor, que pode ser manter vivo através da reprodução contínua do ciclo capitalista. Trata-se de uma lógica que, em seu núcleo, é irracional: busca uma acumulação sem limites, ainda que em detrimento da sustentabilidade ecológica e da justiça social. E tal aspecto, segue a noção hegeliana de “má infinidade” do capital, ou seja, as formas de apropriação do capital a partir de uma progressão interminável e descontrolada, sem fechar o ciclo produtivo. Pois o próprio capital ultrapassa os seus próprios limites quantitativos.

E esse impulso se intensifica com a transformação do dinheiro em capital. Enquanto nas sociedades pré-capitalistas a moeda servia como mero meio de troca, no capitalismo ela passa a ser um fim em si mesma. O dinheiro não circula apenas para viabilizar a compra de bens de uso, mas para gerar mais dinheiro. E com isso, gera a lógica da acumulação proposta por Harvey (2018), que por sua vez, chama de “loucura” justamente devido a transformação do enriquecimento em finalidade absoluta.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Em vez de reconhecer que o capital é estruturalmente instável, os economistas dominantes atribuem as crises a fatores externos, como choques de oferta, desastres naturais ou políticas estatais equivocadas. Para Harvey (2018), essa recusa em admitir a “má infinidade” do capital constitui uma das manifestações mais claras da “loucura da razão econômica”; uma racionalidade que insiste em apresentar o sistema como harmonioso, enquanto suas contradições corroem a base da vida social e ecológica.

Além disso, tal aspecto reproduz novas contradições. A urbanização neoliberal está associada à gentrificação, ao endividamento público e à criação de novas zonas de sacrifício urbano, onde populações pobres são deslocadas para dar lugar a projetos “modernizadores”. Assim, o espaço urbano torna-se mercadoria e o próprio território é subordinado à lógica insana da valorização do capital.

A *Loucura da razão econômica* também se expressa no plano ideológico. O sistema é sustentado por um discurso que naturaliza suas contradições e apresenta a expansão ilimitada como sinônimo de progresso. Para Harvey (2018), trata-se de um fetichismo do capital, em que o dinheiro parece ter o poder mágico de se multiplicar sozinho, e a economia aparece como ciência objetiva, quando na verdade serve para legitimar interesses de classe. E essa naturalização é visível no modo como a mídia, os governos e as instituições financeiras tratam as crises: em vez de questionar as bases do sistema, buscam soluções técnicas que, em última análise, mantêm intacta a estrutura da acumulação. É nesse sentido que a razão econômica é insana: ao mesmo tempo em que se apresenta como racionalidade suprema, recusa-se a admitir as contradições que ela própria engendra.

E essas contradições colocam em prova o aspecto ecológico de diferentes espaços de acordo com o interesse do capital. E nessa perspectiva, cabe discutir sobre a segunda proposta do trabalho quando as zonas de sacrifício e a seletividade dos espaços. E o conceito de zonas de sacrifício, desenvolvido pelo sociólogo Henri Acselrad, é uma chave interpretativa poderosa para compreender as consequências socioambientais do modelo de desenvolvimento hegemônico. Esse conceito explicita que o crescimento econômico capitalista, especialmente em sua vertente neoliberal. Não ocorre de forma homogênea no espaço. Ao contrário, ele implica escolhas seletivas sobre quais territórios e populações terão acesso a benefícios e quais serão condenados a suportar custos desproporcionais. Acselrad (2010) utiliza a expressão “zonas de sacrifício” para designar áreas destinadas a absorver os impactos negativos da acumulação capitalista, na forma de poluição, degradação ambiental, precarização social, deslocamentos compulsórios, em nome do suposto “bem maior” do crescimento. Nessas zonas, a lógica do mercado e das políticas públicas subordina a vida das populações locais a objetivos extraterritoriais, normalmente associados ao lucro privado e à integração subordinada da economia ao mercado global.

Para Acselrad (2010), o aspecto central das zonas de sacrifício não é apenas material, mas também discursivo. O sacrifício é naturalizado por narrativas oficiais que o apresentam como necessário, inevitável ou até mesmo benéfico. O discurso desenvolvimentista sugere que “alguns precisam sofrer hoje para que todos vivam melhor

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

📅 26 a 31/05/2026
📍 Porto Velho-RO
✉ vcongeo2026@unir.br
📱 @vcongeo2026
🌐 vcongeo2026.unir.br
🔗 www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

amanhã”. Na prática, contudo, os benefícios da acumulação concentram-se em elites políticas e econômicas, enquanto os custos recaem sobre populações vulneráveis.

Esse processo revela a existência de uma geografia moral do capitalismo: alguns territórios são considerados dignos de proteção e investimento, enquanto outros, podem ser degradados sem grandes reparos éticos. É o que Acselrad (2010) chama de “produção social da invisibilidade”, em que vidas sacrificadas são apagadas em nome do crescimento econômico.

No contexto neoliberal, a produção de zonas de sacrifício se intensifica. O desmonte de políticas ambientais e sociais, a privatização de bens comuns e a centralidade da lógica do mercado ampliam a vulnerabilidade de determinados territórios. O Estado, em vez de atuar como mediador em defesa do interesse público, passa a ser parceiro de grandes corporações, viabilizando legalmente a instalação de empreendimentos predatórios. Assim, as zonas de sacrifício não são acidentes ou exceções, mas elementos estruturais da racionalidade econômica neoliberal. Elas constituem o outro lado do crescimento: para que alguns setores acumulem riqueza, outros devem ser sacrificados. Essa dinâmica, longe de ser apenas nacional, assume dimensões globais. Países inteiros do Sul Global funcionam como zonas de sacrifício do capitalismo mundial, exportando recursos naturais e suportando os maiores custos ambientais e sociais da acumulação global.

Com isso, colocar em diálogo a questão da “loucura” do capital e as zonas de sacrifício, significa articular duas críticas que, embora oriundas de tradições distintas, convergem em uma análise estrutural do capitalismo contemporâneo. Enquanto Harvey (2018) expõe a lógica interna do capital como uma racionalidade irracional em uma “loucura da razão econômica” voltada para a expansão infinita, Acselrad (2010) demonstra como essa racionalidade se territorializa, criando espaços e populações que podem ser sacrificados em nome da acumulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre Harvey (2017) e Acselrad (2010) permite compreender a irracionalidade do capitalismo neoliberal em duas dimensões complementares: a lógica estrutural do capital e sua expressão territorial. Harvey (2018) mostra que a razão econômica capitalista é, em essência, uma loucura: busca incessantemente a acumulação, mesmo que isso implique em crises recorrentes, financeirização descontrolada e destruição ecológica. Essa lógica se apresenta como racionalidade científica, mas, na prática, é autodestrutiva e insustentável. Acselrad (2010), por sua vez, revela como essa racionalidade se concretiza na forma de zonas de sacrifício: territórios e populações que são deliberadamente sacrificados em nome do progresso. Essa noção mostra que a loucura do capital não é abstrata. Mas se traduz em injustiças ambientais e sociais que afetam de forma desproporcional os mais vulneráveis.

E através do diálogo entre a “loucura” do capital e as zonas de sacrifício, é possível constatar que o lucro é a forma mais latente do funcionamento do capital, através dele, que o capitalismo irá articular-se para subjugar, ou melhor dizendo, espremer até a última

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.facebook.com/vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

gota, a força de trabalho, os modos de vida cotidiana, os espaços e recursos das massas em forma de juros compostos em favor da minoria elitista. Além disso, é através do acúmulo desse instrumento que a sociedade estabelecerá a sua métrica hierárquica por meio da quantidade de dinheiro possuído.

Concluir esse debate significa reconhecer que enfrentar a loucura da razão econômica exige mais do que reformas pontuais. Implica questionar a própria racionalidade que sustenta o capitalismo e buscar alternativas baseadas na justiça social e ambiental. Como lembram Harvey (2018) e Acselrad (2010), só será possível construir um futuro viável se a vida humana e não humana deixar de ser subordinada à lógica insana da acumulação infinita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2018. < Disponível em PDF >.

ACSELRAD, Henri. **Zonas de sacrifício: impactos socioambientais e lutas por justiça ambiental**. Rio de Janeiro: FASE, 2010. < Disponível em PDF >.

ACSELRAD, Henri. **Justiça ambiental e construção social do risco**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. < Disponível em PDF >.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/